

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-069-8

DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM FÁBULAS, DE MONTEIRO LOBATO

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Professora do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Campus de Marabá

RESUMO: Este texto pretende apresentar, à luz das discussões atuais sobre mediação de leitura, como a personagem Dona Benta, das obras infantis de Monteiro Lobato, representa uma tipologia de mediação que poderia auxiliar os professores-mediadores atuais. Para isso, utilizamos como referencial teórico Cerrillo, Larrañaga, Yubero (2002) e Souza (2008) dentre outros estudiosos. Nossos objetivos são os de apresentar Dona Benta como contadora-mediadora de leitura na obra infantil *Fábulas* e, a partir de diversos exemplos desse texto, verificar como ela desenvolve competências mediadoras que se revelam eficazes durante o processo de narração da história e poderiam servir de orientação para professores-mediadores de leitura na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Dona Benta. Mediadora de leitura. Competência leitora.

ABSTRACT: This text intends to present, in the light of the current discussions about mediation of reading, as the character Dona Benta, of the children's works of Monteiro Lobato, represents a typology of mediation that could help the

current mediator-teachers. For this, we use as theoretical reference Cerrillo, Larrañaga, Yubero (2002) and Souza (2008) among other scholars. Our objectives are to present Dona Benta as an accountant-mediator of reading in the children's book *Fábulas* and, from several examples of this text, to verify how she develops mediating competences that prove effective during the storytelling process and could serve as guidance for teacher-mediators of reading in the school.

KEYWORDS: Dona Benta. Reading Mediator. Reading competence.

1 | INTRODUÇÃO

As fábulas são textos que, mesmo com o passar dos tempos, continuam presentes na vida dos alunos, em especial, por serem de curta extensão e trazerem em sua constituição uma moral, muitas vezes, explícita, que retoma os ensinamentos passados pelas diferentes gerações. Por isso, os livros didáticos quase sempre trazem esse gênero literário em algum momento na iniciação escolar literária dos alunos. Para melhor exemplificar, recorreremos a uma definição do gênero presente em um "Livro do Aluno" produzido pelo Ministério da Educação intitulado: *Contos Tradicionais, fábulas, lendas e mitos* (Livro de Domínio Público):

As fábulas são pequenas histórias escritas com a intenção de transmitir algum ensinamento sobre a vida, ou que se chama “lição de moral”. No final de muitas delas o autor coloca uma frase que resume a lição. Você pode ter ouvido algumas dessas frases, que são bem conhecidas, como por exemplo: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”. A maior parte das fábulas mostra situações típicas do dia-a-dia dos seres humanos, mas vividas por animais. Os mais famosos fabulistas (autores de fábulas) foram: Esopo (Grécia, 600 a.C) e La Fontaine (França, século 18) [sic]. No Brasil, Monteiro Lobato (século 20) [sic] reescreveu muitas delas; nos dias de hoje, o mesmo foi feito por Millôr Fernandes (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 33 de 1404).

Nessa definição, lembramos que essas situações corriqueiras e moralizantes, vividas no dia a dia são, quase sempre, representadas por animais em vez de pessoas, o que parece ajudar a aproximar mais ainda o gênero dos leitores mais jovens que, com maior facilidade, se identificam com animais. A definição também lembra os alunos de que há muitos fabulistas famosos, como Esopo e La Fontaine. O último teria reescrito muitas fábulas do primeiro. Finalmente, surge o nome de Monteiro Lobato, que também teria reescrito algumas fábulas de Esopo e muitas de La Fontaine, seu fabulista predileto, em sua obra *Fábulas*. São geralmente de Lobato que os livros didáticos, atualmente, recolhem exemplos desse gênero para apresentar aos pequenos leitores.

Fábulas nasce em 1921, mesmo ano de *A menina do narizinho arrebitado*, com o título de *Fábulas de Narizinho*. Posteriormente, em 1922, Lobato reedita o livro, mas agora apenas com o título *Fábulas*, inclusive com um número maior de textos do que o publicado em *Fábulas de Narizinho*. A associação primeira das fábulas à personagem Narizinho poderia se explicar pelo sucesso de vendas de títulos como *A menina do narizinho arrebitado* ou mesmo *Narizinho arrebitado*, de 1921, entretanto, como nenhuma fábula é contada pela menina e como os livros passaram a ganhar o mercado com grandes tiragens, possivelmente Lobato percebeu que não havia a necessidade de manter tal título, conforme nos lembra Loide Nascimento de Souza em seu texto: “Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas” (2008).

A partir da edição de *Fábulas*, de 1922, háverá a 2ª edição, em 1925, a terceira, em 1926, com a ressalva de Souza (2008, p. 108) de que essas datas não “correspondem às que aparecem nas páginas de rosto dessas edições”, a 4ª edição, em 1929, a 5ª edição em 1934, a 6ª edição em 1937 e a 7ª edição, em 1939 (SOUZA, 2008). Todas essas edições sempre apresentaram variações no número de fábulas: “o mínimo é de 29 e o máximo é de 77 fábulas” (SOUZA, 2008, p. 109). A partir da 8ª edição, em 1943, Lobato insere os comentários das crianças e de Dona Benta ao texto. É essa edição que nos interessa, já que o objetivo desse nosso trabalho é o de apresentar Dona Benta como mediadora de leitura das fábulas para seus ouvintes: as crianças e os bonecos do Sítio.

Para isso, nosso texto fará uso de uma edição de *Fábulas* de 1958, com ilustrações de André Le Blanc e publicação da Editora Brasiliense. Nessa edição, pertencente às obras completas do autor, não mais encontramos a nota introdutória

que Lobato agregara às edições anteriores e que apresentaremos à frente. Nossa hipótese é a de que, a partir de algumas das onze competências de mediação de leitura de Dona Benta, que levantamos ao longo de toda obra infantil lobatiana, ela pode ser considerada, em *Fábulas*, uma competente mediadora, mesmo nos dias atuais. Nossa investigação foi realizada a partir da leitura de toda obra infantil para o levantamento de características de competência mediadora da personagem-avó Dona Benta. A partir desse trabalho bibliográfico, elencamos onze competências e escolhemos algumas delas para apresentar a avó-mediadora em *Fábulas*. A seguir, discutiremos algumas considerações sobre a figura do mediador de leitura.

2 | MEDIADORES DE LEITURA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

Existem vários sites disponíveis na internet, muitos elaborados em parceria com o MEC, sobre a formação de mediadores de leitura. O problema que nos parece mais afligir nessas formações é que elas, embora lembrem a necessidade de se ler muito para ser mediador, não conseguem comprovar que isso ocorra na prática e muitos professores-mediadores não são, na verdade, leitores em potencial. Para isso, também contribui a falta de comprometimento dos próprios professores que, muitas vezes, não gostam de ler e são forçados a participar dessas formações e a levá-las para a sala de aula.

Parece-nos impossível um professor ser mediador se não tiver um contato direto, constante e prazeroso com o mundo dos livros e da leitura, mesmo que seja, hoje, um contato mais virtual, em virtude de tantas ofertas que a rede web nos oferece de leitura de literatura através de plataformas virtuais.

Além disso, hoje se faz necessário que, além de leitor, o mediador também conheça um pouco do mundo das novas mídias, já que os alunos com os quais trabalha nasceram pertencendo a essa nova forma de organização do pensamento, voltado para a rapidez da informação advinda da internet. As trocas de informação são muito rápidas e os professores-mediadores precisam encontrar alternativas de inserir, nesse mundo, a leitura da literatura. Tarefa árdua, difícil e complexa:

Essa “Sociedade da Informação” impulsiona o repensar do saber, o que, por conseguinte, impacta, consideravelmente, a educação. Vivemos a “metamorfose do aprender”, isto é, reconfigurações do conhecimento provocadas pela função mediadora, quase onipresente, das novas tecnologias, que facilitam experiências de aprendizagem complexas (ASSMAN, 2000 *apud* ANDERSEN, 2015, p. 1 de 51).

Escolhemos falar de Dona Benta porque, em virtude da última adaptação do Sítio do Picapau Amarelo para a televisão, no início dos anos 2000, vimos a avó adaptada ao uso de um computador e familiarizada, inclusive, com troca de emails com seu neto Pedrinho.

Lobato era um visionário e gostava de tudo que envolvesse a ideia do progresso. Muito possivelmente ele aprovaria uma Dona Benta “antenada” com a informática

e a internet. Por isso, acreditamos que ela possa ser considerada um exemplo de mediadora competente de leitura, primeiro por causa de sua exemplar formação leitora, segundo porque ela, provavelmente, se adaptaria às atuais necessidades de mediação de leitura, em especial, porque sempre esteve aberta a aceitar mudanças e a vivenciar aventuras junto com seus netos.

Antes de falarmos dela em *Fábulas*, vamos tecer algumas considerações sobre o que se tem falado, nos últimos anos, a respeito de mediação de leitura, sob o viés da formação leitora. Assim, como Cerrillo, Larrañaga e Yubero (2002, p. 29), acreditamos que “El mediador es el puente o enlace entre los libros y esos primeros lectores que propicia y facilita el dialogo entre ambos”. Para esses estudiosos espanhóis, as principais funções do mediador seriam:

1. Crear y fomentar hábitos lectores estables;
2. Ayudar a ler por ler;
3. Orientar la lectura extraescolar;
4. Coordinar y facilitar la selección de lecturas por edades;
5. Preparar, desarrollar y evaluar animaciones a la lectura (CERRILLO, LARRAÑAGA, YUBERO, 2002, p. 30).

O mediador de leitura que é capaz de fazer, de forma adequada, a ponte entre o leitor e o texto literário deve ser capaz de executar essas funções a fim de levar os ouvintes a se aproximar do objeto livro. Essa aproximação deve ser pontuada por aprendizagens prazerosas que, com o tempo, contribuam para que as crianças e os jovens se tornem leitores autônomos a fim de que procurem, sozinhos e por prazer próprio, livros para ler.

Dona Benta, na saga infantil lobatiana, procura fazer isso. Ela aparece em quase todas as obras, nas que não aparece é lembrada pelas crianças por seus ensinamentos. Em *Fábulas*, temos dois momentos em que isso ocorre quando as crianças estão refletindo sobre o que ouviram, vejamos:

-A senhora já nos contou aquele caso lá da Grécia- lembra-se?

-Sim, o caso do orador que estava fazendo um discurso para o povo. De repente reventaram tremendos aplausos. O orador voltou-se para um amigo ao lado: “Será que eu disse alguma asneira?” (LOBATO, 1958, p. 82).

[...]

-A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular que diz: “Fazei o bem e não olhais a quem.”

-Sim, minha filha. Esse fazer o bem sem olhar a quem é lindo –mas nunca dá muito certo. Aquele grande filósofo-educador da China...

-Confúcio, já sei! ...gritou Pedrinho. (LOBATO, 1958, p. 144).

Lobato, depois de descobrir que a literatura infantil era um caminho ainda por ser descoberto no Brasil, investiu na sua verve de editor e no seu desejo por fazer livros que agradassem às crianças, que fizessem com que elas buscassem mais leituras. Desse modo, cria praticamente uma saga infantil com as histórias da turma do sítio.

Em várias dessas histórias, temos Dona Benta como narradora-mediadora. Podemos citar *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *Dom Quixote das Crianças* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *Fábulas* (1943, com comentários de Dona Benta e das crianças), todas essas recontadas pela avó e também *História do Mundo para as crianças* (1933), *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935) e *Serões de Dona Benta* (1937), essas últimas consideradas “didáticas” por alguns estudiosos como Whitaker Penteadó em *O Filhos de Lobato* e, nelas, a avó aparece como a mediadora dos conhecimentos a serem transmitidos aos netos.

O sucesso é imediato, Lobato vende altas tiragens de seus livros e as crianças lhe retribuem a alegria pelo mundo da fantasia por ele criado enviando-lhe cartinhas nas quais discutem as obras, sugerem assuntos, pedem para participar de alguma aventura ou simplesmente se dirigem diretamente às personagens, como é o caso de várias cartas destinadas à Dona Benta. Nelas, as crianças quase tomam a avó como pessoa de carne e osso, em vez de personagem. Citamos abaixo, um excerto da carta de Modesto Marques, de Tatuí (SP):

Dona Benta:

[...] Sabe uma conclusão que eu tirei? Que a senhora é uma “pedagoga revolucionária utópica possível”.

Um momento, já explico. Pedagoga a senhora sabe o que é, por que, se não me engano, foi a senhora mesmo que me ensinou esse termo. Revolucionária, por que o seu “método de camaradagem” não existe ainda no Brasil (talvez mesmo, no mundo). Utópica, por que com a mentalidade dos tais “adultos”, o ensino é uma coisa tão sisuda, tão vital, tão obrigatório, que nos aborrece. O homem só executa bem aquilo que parte de si próprio. Toda coação é contraproducente. O homem é a “Independência ou Morte!” –mas ainda não descobriu disso. (Modesto Marques, Tatuí, 10 de dez. 1945, *apud* PÁTTARO, 2012, p. 169).

O jovem leitor demonstra em seu texto uma grande admiração pela avó Benta como aquela que ensina a partir do prazer. Ele também percebe como essa maneira de ensinar estava distante da realidade do ensino no Brasil e ainda arrisca, no mundo. Somente Dona Benta sabia cativar com seu modo de ser “pedagoga”. Sua metodologia de ensino agradava muito e não aborrecia, ao contrário do que ocorria/ocorre nos bancos escolares.

Achamos conveniente lembrar aqui de outra cartinha. Essa, porém, não é endereçada a Dona Benta, mas sim ao próprio Lobato e trata do assunto da inserção dos comentários que o escritor introduzira na obra *Fábulas*. A jovem leitora, provavelmente, já conhecia o texto de *Fábulas* em uma edição anterior, e fica encantada com os comentários que Lobato insere ao livro, o que, para ela, muito agrada, já que, como diriam as crianças, eram “batatais”, tornando a discussão mais apreciada pelo viés infantil. Vejamos:

São Paulo, 12 de Janeiro de 1944

Meu caro Sr. Lobato

...

O que muito me agradou na nova edição de “Fábulas” foi o comentário do pessoal do sítio. Comentário “batatal” que dá margem a outros comentários...

[...]

Edith Canto (*apud* SOUZA, 2008, p. 110)

A partir da leitura de toda a obra infantil de Lobato, elencamos abaixo algumas competências mais significativas de Dona Benta como mediadora, seja de recontos de textos literários, seja de textos de teor mais didático. Dona Benta:

- a. Tem noção se o que ela conta ou medeia atinge seu público ouvinte;
- b. Não lê somente para si, mas para compartilhar com o outro;
- c. Busca a melhor entonação de voz para dar vida ao que conta/reconta;
- d. Adapta o vocabulário para atingir seus ouvintes;
- e. Apresenta um vasto repertório de leitura o que lhe dá enorme facilidade de lidar com as dúvidas de seus ouvintes;
- f. É sensível quanto a seus objetivos: está sendo ouvida? Compreendida? Há gosto por parte dos ouvintes em relação ao que ela reconta, lê, medeia ou discute?;
- g. Está sempre atualizada e “antenada” com as novidades de seu tempo;
- h. Se, por acaso, desconhecer algo, tem humildade de reconhecer tal situação e procura, rapidamente, resolvê-la indo em busca do conhecimento;
- i. É sensível à dificuldade, muitas vezes, do assunto tratado, ou ao volume de informações apresentadas e, por isso, divide seus serões em vário(a)s dias/noites, para não cansar seus ouvintes;
- j. Aceita a opinião do outro, mostrando que mesmo crianças podem contribuir com visão crítica de mundo a partir de seus conhecimentos ou as corrige, quando necessário;
- k. Valoriza a liberdade e a liberdade de expressão acima de tudo.

A seguir, vamos verificar como algumas dessas competências se realizam na obra *Fábulas*.

3 | DONA BENTA COMO MEDIADORA DE LEITURA, EM FÁBULAS, DE MONTEIRO LOBATO

Nas edições anteriores à de 1943, havia uma nota introdutória feita por Lobato que reproduzimos abaixo:

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a própria

sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animaes, ás [sic] árvores, ás [sic] águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde resurte a “moralidade”, isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.

O autor nada mais fez senão dar forma sua ás [sic] velhas fábulas que Esopo, Lafontaine e outros criaram. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, pondo nelas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que é isso possível (LOBATO, 1921, *apud* SOUZA, 2008, p. 106).

A observação de Lobato quanto à presença da moralidade das fábulas nessa nota nos sugere a importância que tem Dona Benta no processo de mediação dela para as crianças, pois é ela a responsável por contribuir para que a moralidade “penetre na alma infante”, conduzida pela imaginação. É ela quem conversa com as crianças sobre as diferentes moralidades e que medeia a compreensão que elas têm ou não delas ao pensar no dia a dia. Além disso, é ela ainda quem contribui para “adoçar” o texto fabular a fim de que ele possa ser compreendido de acordo com a realidade na qual as crianças estão inseridas, tendo em vista que as moralidades das fábulas são seculares e precisam ser pensadas a partir do contexto ao qual os ouvintes pertencem. Finalmente, Lobato adapta a linguagem das fábulas a partir da sua concepção de modernidade e insere “toques”, detalhes brasileiros, aos textos a fim de agradar ao gosto infantil.

A inserção dos comentários, a partir da 8ª edição, parece deixar essa nota introdutória, infelizmente retirada, mais eficiente, já que eles contribuem para que as crianças compreendam de forma mais crítica os textos fabulares e não aceitem qualquer verdade como inquestionável.

Fábulas, de 1943, se inicia sem qualquer aviso aos leitores sobre quem conta os textos. Somente depois da leitura da primeira fábula é que o leitor, nos comentários, percebe que parece ser a avó a narradora das histórias e a mediadora dos comentários. Não há introdução alguma explicando o papel que Dona Benta executa no texto. O que percebemos é que ela é a responsável por se preocupar com o receptor da moralidade das fábulas. Ela é, possivelmente, quem narra, mas cabe a ela, com certeza, o papel da mediação crítica. Com isso, ao ser reservado por Dona Benta/Lobato um lugar, um espaço para o leitor/ouvinte pensar com liberdade, “simula ficcionalmente o ato da recepção e convoca os leitores para questionarem a moral estabelecida” (SOUZA, 2004, p.160) pelos textos fabulares. Dessa forma, tanto ela, avó, quanto as crianças/ouvintes/leitores têm a chance de exercer a criticidade.

Escolhemos, dentre as onze competências mediadoras de Dona Benta acima apresentadas, quatro para serem exploradas em *Fábulas*. A primeira de que vamos falar faz referência ao item “e”. Como a avó Benta apresenta um vasto repertório de leitura, ela tem facilidade em responder as dúvidas das crianças, sejam elas de

qualquer natureza. Encontramos essa marca da avó nos comentários de “A cigarra e as formigas”, “A gralha enfeitada com penas de pavão” e “Os dois pombinhos”, que seriam bons exemplos. Vamos ver aqui o texto da segunda:

-Esta fábula é bem boazinha –disse Dona Benta. Quem pretende se o que não é, acaba mal. O Coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionário e pensou que era um homem da alta sociedade, dos finos, dos bem educados. E agora? Anda de novo por aqui, sem vintém, mais depenado que a tal gralha. Por quê? Porque quis ser o que não era.

-Isso não, vovó! - objetou Pedrinho. Ele ficou rico e quis levar a vida de rico. Só que não teve sorte.

-Não, meu filho. O meu compadre apenas se encheu de dinheiro – não ficou rico. Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acúmulo de moedas –está no aperfeiçoamento do espírito e da alma. Qual o mais rico –aquele Sócrates que encontramos na casa de Péricles ou um milionário comum?

-Ah, Sócrates, vovó! Perto dele o milionário comum não passa de um mendigo.

-Isso mesmo. A verdadeira riqueza não é a do bolso, é a da cabeça. E só quem é rico de cabeça (ou de coração) sabe usar a riqueza material formada por bens ou dinheiro. O compadre pretendeu ser rico. Enfeitou-se com as penas de pavão do dinheiro e acabou mais depenado que a gralha. Aprenda isso...(LOBATO, 1958, pp. 22-23).

Temos nesse comentário referência a outros momentos em que as crianças tiveram algum tipo de mediação por parte de Dona Benta, como é o caso da viagem que fizeram à Grécia, apresentada em *O Minotauro* (1939). Dona Benta teve longas conversas com Sócrates e as crianças trouxeram aprendizagens delas. Mostram que aprenderam algo ao responderem ao questionamento da avó sobre a verdadeira riqueza. Salientamos também aqui como Dona Benta conduz as crianças a refletirem sobre o ensinamento mais adequado. Pedrinho não havia percebido a diferença entre ter dinheiro e ser rico e a avó lhe explica isso usando o exemplo do filósofo Sócrates e arrematando com a moralidade da fábula aplicada ao dia a dia das crianças no Sítio.

A segunda competência escolhida é a “d”. Segundo ela, acreditamos que Dona Benta, sempre que possível, adapta o vocabulário do texto que ela lê ao público ouvinte, ou se dedica a explicar palavras ou expressões incompreendidas. Encontramos isso nas fábulas “A coruja e a águia”, “Burrice”, “A assembleia dos ratos”, “O galo que logrou a raposa”, “Os dois burrinhos” e “A fome não tem ouvidos”. Dentre elas, optamos por “Burrice”. Vamos a ela:

-Que é passar a vau? –perguntou Pedrinho.

-É uma expressão antiga e muito boa. Quer dizer “vadear um rio”, passar por dentro da água no lugar mais raso.

-E por que a senhora disse “redargui”? Não é pedantismo? – quis saber a menina.

-É e não é- respondeu Dona Benta. Redarguir é dar uma resposta que é também pergunta. Bonito, não?

-Por que é e não é? Como uma coisa pode ao mesmo tempo ser e não ser?

-É pedantismo para os que gostam da linguagem mais simplificada possível. E não

é pedantismo para os que gostam de falar com grande propriedade de expressão.

-E que é propriedade de expressão? – quis saber Narizinho.

-Propriedade de expressão – explicou Dona Benta – é a mais bela qualidade de um estilo. É dizer as coisas com a maior exatidão. Ainda há pouco Emília falou no “ferrinho do trinco da porta”. Temos aqui uma “impropriedade de expressão”. Se ela dissesse “lingueta do trinco” estaria falando com mais propriedade.

-Mas é ou não é ferrinho? – redarguiu Emília.

-A lingueta do trinco é um ferrinho, mas um ferrinho não é lingueta – pode ser mil coisas (LOBATO, 1958, p. 35).

Os comentários não discutem a moral fabular propriamente dita, mas se detêm sobre a linguagem usada por Dona Benta que suscita muitas dúvidas nos ouvintes. Sempre disposta a encontrar a melhor explicação para a dúvida lexical das crianças, ela explica uma expressão fazendo uso de outra, também desconhecida e, por isso, aumentando o conhecimento vocabular dos netos.

Escolhemos como terceira competência a “j”, a avó aceita a opinião dos outros, mostrando que nem sempre ela é quem sabe a verdade embora, quando necessário, faça alguma correção. Temos como exemplos as fábulas “A gralha enfeitada com penas de pavão”, “O burro juiz”, “A garça velha” e “O orgulhoso”. Apresentamos aqui os pensamentos de Dona Benta sobre o que ela ouviu de comentários das crianças e bonecos nas três últimas fábulas: “Dona Benta riu-se e deixou passar a fábula sem nenhum comentário” (LOBATO, 1958, p. 29); “Dona Benta arregalou os olhos. Como estava ficando sabida aquela diabinha!” [Emília] (LOBATO, 1958, p. 170); “Dona Benta não teve o que dizer” (LOBATO, 1958, p. 177).

Esses pensamentos da avó revelam como ela é capaz de escutar o que pensam seus ouvintes sobre a fábula e sua moral, como a entenderam e se ela concorda ou não com o que ouviu. Percebemos que ela também reconhece como é possível que as crianças desenvolvam uma linha de raciocínio coerente e eficaz a partir dos conhecimentos adquiridos.

Enfim, a quarta e última competência que escolhemos é a “K”. Nela, temos a avó valorizando a liberdade e a liberdade de expressão como um dos maiores valores a serem preservados. Encontramos essa discussão na fábula “O cão e o lobo”:

-Fez muito bem! – berrou Emília. Isso de coleira, o diabo queira...

Narizinho bateu palmas.

-E não é que ela fez um versinho, vovó? “Isso de coleira o diabo queira...” Bonito, hein?...

-Bonito e certo – continuou Emília. Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa. Ninguém me...

-Chega de “mês”, Emília. Vovó está com cara de querer falar sobre a liberdade.

-Talvez não seja preciso, minha filha. Vocês sabem tão bem o que é a liberdade que nunca me lembro de falar nisso.

-Nada mais certo, vovó! – gritou Pedrinho. Este seu sítio é o suco da liberdade; e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo.

-Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo! (LOBATO, 1958, pp. 86, 87).

Esse comentário talvez seja um dos mais emblemáticos da obra *Fábulas*, talvez por conter um dos mais representativos valores preservados por Lobato: a liberdade. As crianças praticam a liberdade nos próprios comentários que fazem das fábulas, concordando com as moralidades ou discordando delas. Esse valor é tão prezado por Dona Benta e tão respeitado no Sítio que a avó praticamente não sente necessidade de discuti-lo, pois acredita que as crianças vivam a liberdade lá, aprendendo, assim, a praticar o livre-arbítrio.

Enfim, essa é a Dona Benta-mediadora de leitura de *Fábulas*, que escuta o que as crianças têm a falar sobre o que entenderam do texto ouvido e que procura avaliar se essa compreensão faz sentido ou se deve fazê-las rever a opinião a fim de repensarem sobre o assunto. É ela ainda quem, quando percebe o equívoco de análise de alguma leitura da moralidade fabular, conduz a discussão para uma nova compreensão, respeitando, todavia, a liberdade de expressão de todos, mesmo que precise, algumas vezes, corrigir opiniões mais exaltadas como as da boneca Emília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que em *Fábulas* Dona Benta é capaz de exercer seu papel de contadora-mediadora de leitura. Ela sabe que o texto por ela recontado e mediado atinge seu público ouvinte, já que as crianças se interessam por saber sobre as fábulas e discutir suas moralidades. Ela consegue despertar a vontade delas para participarem de calorosas discussões sobre o que concordam ou discordam a respeito das moralidades fabulares.

Percebemos que Dona Benta consegue isso em virtude de sua formação: trata-se de uma avó que valoriza o conhecimento, o saber e, em especial, a leitura de textos. Nessa leitura, incluem-se os textos literários. Com Dona Benta como mediadora, em textos como esse e outros de Lobato, resgatamos a importância de textos de tradição oral para a formação dos leitores e o interesse não apenas pela aprendizagem em si, mas pela leitura de literatura.

Nesse processo, Dona Benta é exemplo de mediadora que lê intensamente, que se “recicla” através de leitura. Alguém que não mede esforços para transformar seus ouvintes em futuros leitores em potencial. Finalmente, lembramos que todo esse processo de mediação ocorre em uma família onde a leitura é privilegiada, onde os livros são considerados objetos de valor por conterem conhecimento. É nesse espaço que Dona Benta executa seu papel de mediadora; entretanto, é na escola que os mediadores estão (ou devem estar) mais presentes na vida das crianças e a avó Benta aqui pode servir de exemplo de mediação de leitura de literatura para muitos professores que desejam fazer alguma diferença na vida de seus alunos-ouvintes.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Elenice (org.). **Linguagens, leituras, mídias e ensino**. São Paulo: Cia do EBook, 2015.

CERRILO, Pedro; LARRAÑAGA, Elisa.; YUBERO, Santiago. **Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como processo de aprendizaje**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

IEB/USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, **Dossiê Monteiro Lobato**, série Correspondência Passiva, Cartas Infantis, CX 1, P2, 19.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 17 ed. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1958.

LOPES, Grasielly. **Fábulas (1921), de Monteiro Lobato, um percurso fabuloso**. Dissertação (Mestrado em Letras na área de Literatura e Vida Social). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Contos tradicionais, fábulas, lendas e mitos**. Fundescola/Projeto Nordeste/Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília, 2000.

PÁTTARO, Miriam Giberti. **Uma história meio ao contrário: um estudo sobre *História do Mundo para crianças* de Monteiro Lobato**. São Paulo: UNESP, 2012.

SOUZA, Loide do Nascimento. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas in LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

